

EDITORIAL

Neste número da Revista Brasileira de Aplicações de Vácuo, estão sendo publicados os principais artigos apresentados no I Encontro sobre Óptica de Filmes Finos (I EOFF).

Numa época de crise em nosso meio, não só econômica mas também de valores e de identidade, o I EOFF não teria sido possível sem a receptividade e o ambiente de confraternização da Sociedade Brasileira de Vácuo, a partir do exemplo de seu presidente e do coordenador do XII CBRAVIC.

Este evento, que esperamos seja a semente de uma sequência de encontros sobre a óptica de filmes finos, foi organizado em cinco sessões técnicas, tendo transcorrido com quatro palestras convidadas, dezessete comunicações, duas sessões de painel e uma mesa redonda. Dentre as apresentações científicas, 56% foram sobre processos & aplicações, e 44% sobre técnicas de caracterização. Programados ou anexados às apresentações de trabalho, doze relatos de laboratório vieram dos principais centros de pesquisa do país.

Parece haver consenso de que o encontro cumpriu seu objetivo como um pequeno fórum, com seu espírito de mesa redonda, para profissionais e estudantes atuantes na área, visando oportunidades de cooperação. Na avaliação do Prof. Macleod, "it was well to the point".

Em nome da comissão organizadora, gostaria de agradecer aos nossos convidados, a todos participantes, assim como a todos os indivíduos e instituições que apoiaram esta realização, que superou as expectativas. Não houve sequer decréscimo de atividades mesmo no sábado à tarde. Quem dele participou, sabe o quanto valeu a pena - o que pode ser constatado pela alta qualidade dos trabalhos aqui publicados.

Flavio Horowitz

Editor-Convidado

Nossa visão do mundo vem do que aprendemos, da forma como aprendemos e do que podemos interpretar com a criação de modelos mentais próprios, introspectivos ou extrapolativos. Rotineiramente, absortos pela dedicação a problemas científicos ou técnicos, sem pensar, comportamos-nos, em certas atividades, como os ratos de Pavlov - apertando as teclas de nossos micros - ou como ratos de Skinner, obedecendo a certas regras imbecis, para recebermos os nossos salários ou para termos aprovações de projetos pelas entidades financiadoras. Tanto a nossa sociedade, como nós, como indivíduos, constituímos entidades com uma organização inerente, e de uma forma ou outra, concorrentes para mútua adaptação. Evidentemente não somos ratos e as teorias de Pavlov e Skinner, hoje já completamente suplantadas, não eram nada mais do que modelos

sistêmicos simples para explicação do comportamento ou aprendizagem, derivados do sucesso que as ciências exatas tiveram em suas teorias matemáticas sobre sistemas bem menos complexos. Lembrei-me dos esquecidos Pavlov e Skinner devido à crise social em que estamos vivendo, na qual, por razões que ainda não entendo, vejo colegas extremamente qualificados perdendo seus empregos ou mendigando apoio financeiro a seus projetos, sem sucesso. Recordo-me de ter lido -esqueci a fonte- o relato de uma experiência feita com doninhas. Inicialmente elas eram treinadas para certos truques, após os quais ganhavam uma guloseima. Depois de certo período, quando o experimentador parou de fornecer as guloseimas, surpreendentemente a resposta das doninhas foi a de gerar por si só truques originais, com uma criatividade bem maior do que a do experimentador. Como, apesar de tudo, não paramos de produzir, talvez estejamos nesta fase, pois, sem uma política clara de ciência e tecnologia para o país, discutida pelos cientistas e deliberada pela sociedade, o caos geral só é contornado, ou sincronizado por caos individuais ou localizados. Certamente estamos entrando em um novo período. Nada mais será como antes. Resta saber: como será o futuro? Dificilmente teremos condições de recuperar nossos colegas que estão indo para o exterior, ou de incentivar a formação de novos pesquisadores dentro deste esquema. (Parece que no final as doninhas se tornaram completamente neuróticas...). Precisamos urgentemente esquecer a teoria cartesiana de separação entre sujeito-objeto ou experimentador-experimento. Precisamos ajudar a propor um modelo dinâmico, ajudar a implementá-lo e a corrigi-lo, dentro e fora do governo. Afinal, segundo a teoria do caos, o simples bater de asas de uma borboleta pode mudar todos os resultados de uma previsão atmosférica. É importante lembrar que temos hoje no mundo um sistema aberto (rigorosamente sempre tivemos, apesar de políticas duras, como o comunismo, o capitalismo selvagem ou o nosso regime político-militar, por exemplo, terem tentado restringir artificialmente), de muitas variáveis e em tempo real, e portanto um caso bem mais complexo do que os modelos aos quais estamos acostumados.

Hoje investe-se no mundo mais de 200 bilhões de dólares em pesquisa, o que significa que nenhum laboratório, universidade, indústria ou país pode ficar isolado, sem se condenar ao atraso científico e tecnológico. Os países do primeiro mundo já se conscientizaram deste sinergismo e envidam esforços neste sentido. A condição fundamental para interagirmos, participarmos das benesses deste esforço, é a de termos uma massa crítica de cientistas, pesquisadores e engenheiros, e portanto a preservação e a geração deste corpo deve ser a premissa básica de qualquer modelo de desenvolvimento científico e tecnológico.

Vitor Baranauskas